



**ENTREVISTA
A ROBERT FISK:
“HAVERÁ UMA NOVA
GUERRA ENTRE
ISRAEL E O LÍBANO
EM 2011”
iREPORTAGEM
+32 PÁGINAS**

“Obama é uma imitação. Não sei como foi capaz de aceitar o Nobel da Paz”

Especialista no Médio Oriente, o jornalista do “The Independent” vive em Beirute há 34 anos e entrevistou Osama Bin Laden duas vezes

“Duarte Lima tem de entregar o dinheiro da herança Feteira”

José Miguel Júdice, advogado da filha de Lúcio Tomé Feteira, diz que Duarte Lima “já confirmou que recebeu o dinheiro da cliente e, se não o declarou, é porque não é dele” // PÁG. 6



Duarte Lima: “Não me lembro na minha vida de assistir a uma montagem tão vil e tenebrosa”



SÁ FERNANDES ALIA-SE A CDS, PCP E BE PARA FECHAR HIPERMERCADOS DE LISBOA AO DOMINGO // PÁGS.16-19

Scut. Governo avança no fim das portagens. Norte pode pagar em Outubro // PÁG. 25

Portas. Educação, saúde, segurança e impostos contra “discurso da ilusão” // PÁG. 21



Sporting derrota Brondby (3-0) e segue em frente na Liga Europa // PÁGS. 50-51

Guia de fim-de-semana. Primeiro Festival Gótico do país, em Leiria // Energie Azurara: a maior Beach Party do Sul da Europa // Dias Medievais no Algarve

// PÁGS. 34-42

Robert Fisk. “Do Afeganistão ao Líbano está montada uma segunda cortina de ferro”

O decano dos jornalistas no Médio Oriente foi também o último infiel a entrevistar Bin Laden. Conhecedor profundo da região, afirma que “o jornalismo tem de estar sempre do lado das vítimas”

D

ções que está em marcha um golpe de Estado comunista e que o [Álvaro] Cunhal vai tomar o poder.” Claro que ao fim de poucas semanas no Alentejo, e não em Lisboa ou no Algarve onde se amontoavam os jornalistas estrangeiros, percebi que isso estava longe de acontecer. Depois veio para o Médio Oriente.

Como é ser conhecido por “repórter do Bin Laden” depois de o ter entrevistado duas vezes e dos elogios que ele lhe fez?

As entrevistas com o Bin Laden são algo que as pessoas associam a mim. Foram momentos cruciais do ponto de vista profissional, mas sublinharia outros mais importantes.

Quais?
Do ponto de vista histórico, a revolução islâmica no Irão, que desafiou em absoluto o poder norte-americano. Cheguei relativamente tarde a Teerão, mas ainda testemunhei o regresso do [aiatola] Khomeini, que cheguei a entrevistar durante o episódio do assalto à embaixada dos EUA. Do ponto de vista pessoal,

EPOIS DE PUBLICADOS no jornal britânico “The Independent”, os artigos e reportagens que escreve são vendidos e traduzidos para dezenas de meios de comunicação em todo o mundo. Correspondente estrangeiro em Beirute há 34 anos, nenhuma das fontes que importam deixa de lhe telefonar quando há algo para dizer. O jornalista inglês Robert Fisk, 64 anos, é uma das pessoas que mais contribuem para compreender o Médio Oriente. Antes de rumar ao Líbano, Portugal, logo a seguir ao 25 de Abril, foi a sua última paragem. Esta entrevista de várias horas decorreu entre uma spaghetteria e o apartamento onde vive no afamado paredão de Corniche. Acabou por se transformar numa esclarecedora conversa sobre as maiores feridas do Médio Oriente.

O que recorda do tempo que passou em Portugal?

A primeira coisa que me vem à cabeça foi o pavor com que os meus editores me disseram que tinha de ir para Portugal: “Tens de ir para Lisboa. Temos informa-

“Barack Obama é uma imitação. Não sei como foi capaz de aceitar o Nobel da Paz”

“Nunca vai haver um estado palestino. Metro a metro, Israel vai anexar toda a Palestina”

foram os massacres de Sabra e de Chatila [em que centenas de civis muçulmanos libaneses e palestinos foram mortos no Líbano]. Era preciso escalar os corpos para entrar nos bairros e o chão estava forrado de cadáveres. Pavoroso. Que concluiu da fúria revolucionária de 1979 no Irão e que paralelos se podem fazer com o recente movimento verde?

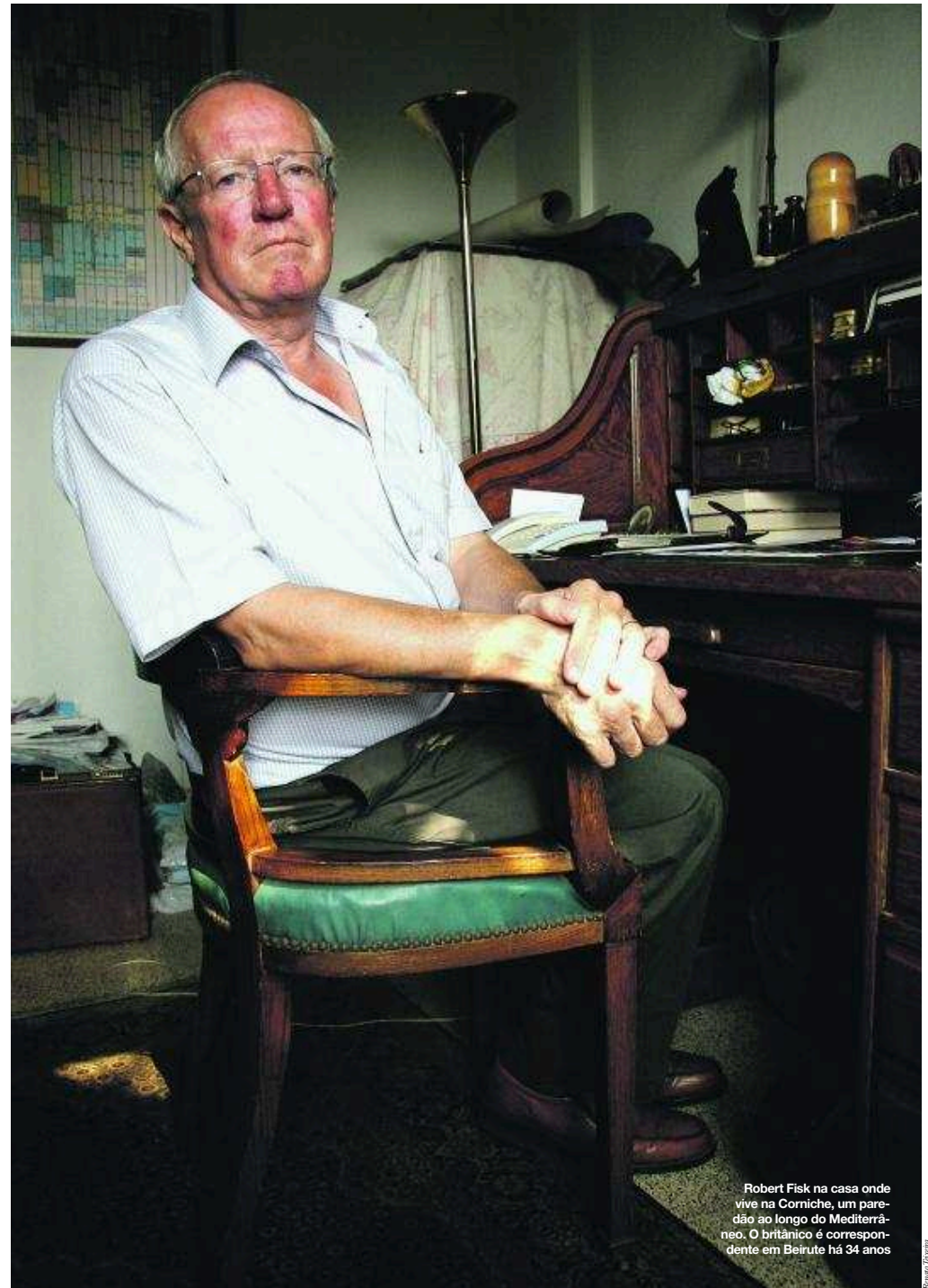
Em 1979 havia muito medo de que a CIA estivesse a organizar um golpe de Estado, tal como o tinha feito contra Mossadegh [primeiro-ministro do Irão de 1951 a 1953], o que provavelmente era verdade, e por isso havia ordens para executar as figuras de proa do anterior regime e claro, muitos dissidentes. Isso fez daquela revolução um banho de sangue. Não tenho dúvidas de que a última eleição foi forjada, mas ainda assim acho que [Mahmoud] Ahmadinejad ganhou. Tal como não tenho dúvidas de que a esmagadora maioria do movimento verde não queria acabar com a República Islâmica. O Ocidente, em particular os EUA, reagiu da melhor maneira?

Ao optarem pelo embargo, deram a Ahmadinejad o presente que ele queria. Os líderes ocidentais continuam a pensar que toda a gente no Médio Oriente é estúpida mas os factos têm demonstrado que não é. O Ocidente bombardeia e invade muitos destes países sem qualquer convite e ainda quer que agradeçam?

Está aberto o caminho para uma guerra entre o Irão e os EUA?

Uma guerra com o Irão neste momento é o pior pesadelo de Obama e ela só pode acontecer se Israel a forçar. Apesar disso, sabemos que se a guerra estalar, o que por vontade do senador Lieberman, um verdadeiro Ahmadinejad hebraico, já tinha acontecido, os EUA defenderão o seu ali-

continua na página seguinte >>



Robert Fisk na casa onde vive na Corniche, um paredão ao longo do Mediterrâneo. O britânico é correspondente em Beirute há 34 anos

Perfil



Robert Fisk

Em pequeno sonhava “ser motorista de uma locomotiva a vapor”, contou-nos. A vontade de ser jornalista, ou melhor dizendo, correspondente estrangeiro, surgiu aos 12 anos quando viu o filme “Foreign Correspondent” (1940) de Alfred Hitchcock. Publicado pela primeira vez em 2005, “A Grande Guerra pela Civilização” (Edições 70) é a sua grande obra, resultado do trabalho de anos no Médio Oriente, do qual passou a ser considerado um dos grandes especialistas. Britânico, nascido em 1946, Robert Fisk é o mais premiado dos correspondentes estrangeiros britânicos. Até chegar ao Médio Oriente, fez a sua formação em Inglaterra e na Irlanda, onde acabaria por fazer as primeiras reportagens de relevo sobre o conflito no Ulster. De todos os seus trabalhos, não destaca aqueles que porventura o tornaram mais conhecido, que foram as duas vezes que entrevistou Osama Bin Laden (em 1993 no Sudão e em 1997 no Afeganistão), sublinhando antes a Revolução Islâmica no Irão em 1979 e o massacre de palestinianos em Sabra e Chatila em 1983. Em toda a sua carreira testemunhou diferentes guerras civis, de libertação e de ocupação. Da Irlanda ao Líbano, da Argélia ao Afeganistão, do Irão ao Iraque, de Israel à Palestina, da guerra dos Balcãs ao golfo Pérsico. Há 34 anos que é correspondente em Beirute, Líbano.

» continuação da página anterior

do de sempre mesmo com enormes custos políticos e até militares. As minhas fontes em Washington, ligadas ao Exército, dizem-me que os EUA não estão em condições de ter uma terceira frente de guerra. Há mais soldados ocidentais no mundo muçulmano do que cruzados no século XI e XII. Estamos perante uma segunda cortina de ferro. Já o Líbano é o pulmão através do qual o Irão respira. O Hezbollah é a primeira linha do Irão como Israel é a última dos EUA. Se Obama atacar o Irão, o Irão não pode atacar a América mas o Hezbollah pode atacar Israel. **Uma segunda cortina de ferro parece uma ideia bastante assustadora...**

Pense estrategicamente, como se estivesse em Washington. Para que serve esta cortina para além da questão do petróleo? O que está para lá dos países que a formam?

A China?

A China e a Índia. Os EUA querem usar a Índia como o cão de guarda para sustentar a crescente influência da China, mas esta estratégia não irá resultar. A Índia e a China gostam uma da outra e têm tudo a ganhar com o reforço das suas relações.

Essa é a principal preocupação dos EUA?

Sim, o que coloca o Paquistão no centro do problema. Não há dúvidas que o Paquistão está a dar apoio aos talibãs. Mas por que o estará a fazer? Porque estão convencidos desta estratégia e receiam que os EUA acabem por dar Caxemira à Índia, o que é capaz de ser verdade. Assim sendo, percebe-se porque entendem que os soldados americanos devem sangrar até à última gota em Kandahar. O Afeganistão era e é o país dos talibãs. Basta aterrar em Kandahar e encontra-os logo no aeroporto.

No seu mais recente livro fala de civilização no singular. Rejeita a ideia do choque de civilizações?

Não há nenhum choque de civilizações porque não se pode falar no plural de civilização. Só há uma civilização e ela está mais bem representada do lado de cá da cortina. Ouça os idiotas de Washington a falar, com aqueles argumentos infantis. Têm todos aqueles gabinetes de estudos espalhados pelo mundo, com milhões de dólares para o perceber, e o que é que sabem? Nada. É confangorero. Uma pessoa chega a um departamento de Estado e somos confrontados com quadros que parecem crianças a argumentar. É ridículo. A Condoleezza Rice quando cá esteve, no meio do banho de sangue da guerra de 2006, deu uma conferência de imprensa a dizer que o Líbano estava a ser a sala de partos de um novo Médio Oriente. Eu tinha chegado à conferência de imprensa vindo de um sítio onde estavam a tentar perceber a que corpos pertenciam algumas cabeças de crianças... Sala de partos? Mas esta mulher está doída, pensei eu.

Fala com se fosse impossível aos EUA ganharem a guerra no Afeganistão... Seriam os primeiros, se o conseguissem. Basta sobrevoar o Afeganistão e olhar para baixo para perceber que qualquer iniciativa militar está condenada ao fracasso. Pergunto-me porque não acaba Obama com esta loucura do Bush?

E porque acha que não acaba? Acho que Obama é uma imitação. Não sei como foi capaz de aceitar o Nobel da Paz... **Vê com bons olhos o resgatar do processo de paz?**

Falar em processo de paz neste contexto é um disparate. Quantos mais árabes são assassinados mais se fala em pôr o processo de paz nos carris.

Dá crédito aos rumores de uma nova guerra entre Israel e o Líbano?

Será no próximo ano, pode escrevê-lo. Os dois lados querem ir para a guerra. O Hezbollah quer provar que consegue vencer o Exército israelita e Israel quer provar que ainda é capaz de ganhar uma guerra aos árabes, coisa que não aconteceu nos últimos 37 anos. No entanto Israel não invadirá novamente o território com soldados. Serão esmagados e correrão pelas suas vidas como fizeram em 2006. Vi-o com os meus próprios olhos ao lado dos militares do Hezbollah. Israel e o Hezbollah dizem estar preparados e têm brinquedos novos vindos da indústria militar americana e iraniana. Ninguém sabe bem o que o Hezbollah tem, mas é certo que tem baterias anti-aéreas e mísseis terra-terra. Falta saber se tem mísseis terra-ar capazes de derrotar a supremacia militar da aviação hebraica e se tem poder de fogo para atacar Telavive. Quem como eu vive aqui deseja que tenha mísseis terra-ar, pois ninguém quer morrer bombardeado. **E que desculpa vão usar para começar a guerra?**

No dia em que quiserem mesmo começar a guerra encontrarão uma desculpa com facilidade. Se não for este processo do Hariri será outra coisa qualquer. Israel passou a vida a invadir o Líbano: em 1978, 1982, 1993, 1996 e em 2006. Veremos se desta vez não é o Hezbollah a pensar que, para variar, pode ser ele a invadir Israel. **E a Turquia? Como vê a mudança deste aliado estratégico de Israel, em particular no apoio dado à “flotilha da liberdade”?**

A mudança da Turquia é significativa mas anterior ao ataque. Recorde as palavras do [actual primeiro-ministro turco] Erdogan naquela cimeira em que acusou Israel de ser muito bom a massacrar as crianças palestinianas. Não queiram brincar com os turcos que eles têm uma Marinha que se vê, coisa que Israel não tem. Se os dinamizadores não forem desistindo, e eu acredito que irão desistir, Israel não terá problemas em afundar os barcos. Eles já são piratas em terra, será fácil adaptarem-se ao mar.

O que lhe parecem as acusações feitas aos organizadores? Não sei bem. São de facto misteriosas mas é um disparate dizer que são terroristas. Envolvem organizações muito diferentes e não se percebe bem os seus objectivos. Uns querem levar chocolates para Gaza, outros querem furar o bloqueio, outros ainda querem libertar a Palestina. Não está clara a sua agenda nem quem são estas pessoas. Claro que se percebe que é uma resposta, sobretudo islâmica, à humilhação imposta aos palestinianos, mas isso está longe de explicar tudo.

E porque acha que Israel ordenou o ataque à última flotilha? Primeiro, achavam que não iam encontrar resistência a bordo. Depois, tinham a esperança de encontrar material militar, coisa que rapidamente reconheceram que não havia. Contudo, o principal motivo é o que sempre move os serviços secretos de Israel: havia execuções que não faziam. Houve pessoas assassinadas na nuca. Muitas das autópsias que se realizaram em Istambul concluem que se trataram de execuções sumárias.



Mão de um rapaz palestiniano no campo de refugiados Khan Younis. Fisk duvida que alguma vez seja criado o Estado palestiniano

A troca de acusações no assassinato de Hariri pode desencadear uma guerra civil?

Não acredito. Ninguém no Líbano quer uma nova guerra civil. Quando me perguntam se acho que o Líbano tem futuro, eu respondo-lhes que enquanto fizerem essa pergunta a ocidentais como eu, a Washington, Londres, Telavive ou Paris, não terão qualquer futuro. É uma pergunta que devem fazer a si próprios. **Acha impossível então uma solução de dois Estados?**

Para haver essa negociação Israel tem de definir primeiro as suas fronteiras, coisa que nunca fez. Israel é um Estado criado legalmente, pois teve a bênção das Nações Unidas, mas isso não faz da sua fundação um acto justo. Ilan Pape e Jonh Pilger são activistas e eu não, mas têm toda a razão quando acusam Israel de levar a cabo uma limpeza étnica.

Tem problemas com Israel por causa da sua perspectiva sobre o conflito? Em Israel, nenhum. A maior parte dos judeus que me atacam são os que vivem longe de Israel. Quanto mais longe vivem mais me atacam, fruto do peso da sua consciência por não terem abraçado o Aliyah, o regresso à terra santa. O [ex-

primeiro-ministro] Ariel Sharon é um criminoso de guerra e Israel um apartheid. A actual política de Israel está a transformar o anti-semitismo em algo respeitável, o que é uma vergonha para Israel.

É muitas vezes atacado por ter posições pró-árabes? Aceita a crítica? Não. Fazer jornalismo em situações de conflito não pode ser encarado como fazer o relato de um jogo de futebol, onde se procuram dividir as atenções equitativamente entre as duas equipas. No Médio Oriente o papel dos jornalistas é estarem equidistantes relativamente a cada um dos lados em conflito, para que possam estar ao lado dos que sofrem. As portas de Sabra ou de Chatila eu não quero saber das desculpas dos responsáveis das Forças Armadas israelitas que ajudaram a Falange no massacre, como não quero saber das razões da jihad islâmica depois do massacre num restaurante em Israel...

Acredita que algum dia haverá paz entre Israel e a Palestina? Não acredito que algum dia haja um Estado palestiniano. Israel vai anexar toda a Palestina, metro quadrado por metro quadrado.

Contracerco. “Armada humanitária” vai voltar a desafiar Israel

Pelo menos 15 cargueiros e 500 camionetas vão dirigir-se à Faixa de Gaza. Ninguém sabe quando nem vindos de onde

●●● Habil Hallak não pára de receber telefonemas. É o coordenador da flotilha da liberdade, atacada pelo Exército israelita em Maio passado, e um dos organizadores da próxima frota, que deverá contar com “pelo menos o triplo das embarcações”. Está certo, como Fisk [ver entrevista], que “havia uma lista negra de pessoas a abater” e só isso justifica o preço a pagar no campo diplomático. “Eles perceberam rapidamente que o ataque teria enormes consequências políticas”, conta. “Não havia terroristas a bordo, nem material de guerra. Não encontramos mais do que ajuda humanitária e uma oliveira para plantar simbolicamente.” No vale do Bekaa estavam outras figuras da ecléctica coligação que junta católicos com marxistas, democratas-cristãos

com islamitas, e promete uma nova iniciativa para breve, que continue a “romper o bloqueio a Gaza e a levar ajuda humanitária” ao que consideram ser “um milhão e quinhentos mil prisioneiros”. O desta-que vai para os turcos do Insani Yardim Vakfi (IHH) e o Viva Palestina, herdeiro político do movimento contra a guerra na Inglaterra organizado no Respect e que elegeu, na anterior legislatura, George Galloway para o parlamento britânico.

Esta aliança entre sectores ligados à burguesia nacionalista árabe e correntes oriundas do marxismo é a grande novidade desta coligação. George Galloway afirma que esta iniciativa foi um ponto de viragem em relação à compreensão da opinião pública sobre o conflito, e que prova disto “são as centenas de voluntários e os milhões de dólares” que têm angariado “com muita facilidade”. Além da frota anunciada por Habil, Galloway diz-nos que serão organizadas três caravanas terrestres, “uma vinda de Londres, outra de Doha e outra de Casablan-

ca”. A de Doha e a de Londres juntar-se-ão em Trípoli para seguir de ferry até à costa do Egipto e assim se juntarem à que vem do Magrebe. Dai seguirão para a fronteira de Rafah para entregar o material que, diz ele, foi escolhido pelas organizações dos palestinianos em Gaza: “Levaremos acima de tudo materiais de construção e de ambulatório e recusamos entregar esse material a Israel.”

As duas iniciativas estão coordenadas. O ponto de encontro é a mesma latitude em que o Mavi Marmara foi atacado em Maio. Por razões de segurança e para evitar possíveis actos de sabotagem, só em cima do acontecimento se saberá a data e o local de onde partirão as embarcações que pretendem entrar nas praias proibidas de Gaza: “Um barco virá dos EUA e procuramos ter barcos a chegar de todos os continentes. Teremos a bordo personalidades de relevo do mundo da política ao desporto, que irão dar uma dimensão ainda maior a esta frota do que teve a flotilha da liberdade”, garantiu-nos Galloway.